

Variante delta afeta a economia e torna incertas as previsões

Para o economista-chefe da OMC, Robert Koopman, acelerar a imunização contra a covid-19 é essencial para a recuperação do comércio e da economia global, especialmente diante da ameaça da variante delta

Por **Marsílea Gombata** — De São Paulo
10/08/2021 05h01 Atualizado há 6 horas

A quebra de patentes não deve acelerar a produção de vacinas contra a covid-19 no curto prazo. Mesmo que países ricos cheguem a um acordo na Organização Mundial do Comércio (OMC), levará até três anos para os países em desenvolvimento conseguirem produzir a vacina em escala, diz Robert Koopman, economista-chefe e diretor da divisão de pesquisa econômica e estatística da OMC.

Em entrevista por vídeo ao **Valor**, Koopman diz que acelerar a imunização contra a covid-19 é essencial para a recuperação do comércio e da economia global. Mas não acredita que derrubar direitos de propriedade intelectual possa resolver a assimetria das campanhas de imunização.

PUBLICIDADE

Alguns falam em desglobalização. Eu falo em reglobalização, reorganização da globalização. com realocação das cadeias.”

“No curto prazo isso teria pouco impacto. Há muito mais para produzir vacinas do que apenas a propriedade intelectual, que é essencialmente uma receita, uma lista de ingredientes”, diz ao se referir a insumos, logística e armazenamento. “As próprias companhias de países em desenvolvimento nos dizem que levará de dois a três anos [para conseguirem fabricar a vacina].” Ele argumenta que a variante delta é um dos maiores fatores de risco à recuperação sustentada do comércio e à economia global. “A variante delta pode resultar em mais lockdowns e, portanto, limitar a recuperação econômica, o que tem impacto no comércio global. Só não sabemos ainda o quanto”, diz. “É [um cenário] muito complexo e faz com que qualquer projeção econômica seja incerta”.

A diversificação das cadeias de produção devido ao conflito entre EUA e China oferece oportunidades para o Brasil.”

Ex-diretor de operações do Escritório do Representante de Comércio dos EUA (USTR), o economista afirma que a covid-19 somou-se às tensões entre EUA e China e aprofundou um processo de diversificação das cadeias de suprimento, o que pode ser uma oportunidade para países em desenvolvimento como Brasil e México ampliarem suas exportações.

Koopman participou no dia 3 da terceira edição do seminário International Chamber of Commerce (ICC) Leadership Talk, no qual debateu a importância do comércio no pós-pandemia. No evento, falou sobre exemplos bem-sucedidos de reorganização nas cadeias de valor e abertura econômica, que levaram a maior desenvolvimento e dinamismo de países como a Costa Rica. Leia a entrevista:

Valor: *O comércio global teve recuperação recorde no primeiro trimestre do ano, crescendo 10%. Mas o cenário atual é incerto. A variante delta pode desacelerar isso?*

Robert Koopman: De fato, é algo que nos preocupa muito. Tivemos uma recuperação muito forte do comércio de maneira geral, apesar de desigual. Vemos algumas regiões com crescimento muito forte em comércio e outras áreas, e regiões que têm tido uma recuperação relativamente fraca no comércio. A delta é uma preocupação e pode resultar em mais lockdowns e, portanto, limitar a recuperação econômica, o que tem impacto no comércio global. Só não sabemos ainda o quanto. Mas é um grande risco para a recuperação econômica e o fortalecimento do comércio.

Valor: *Mesmo antes da pandemia, já havia problemas nas cadeias de suprimento. Com a delta, a normalização das cadeias de produção no fim do ano parece difícil. Quando veremos isso acontecer?*

Koopman: Muito tem de ser feito em uma área que não sou especialista, que é epidemiologia. De uma perspectiva não técnica, parece que precisamos fazer um trabalho melhor com a vacinação. Há uma distribuição desigual das doses, e tudo o que eu entendo é que as vacinas são muito eficazes. Estamos vendo que lugares que fizeram um bom trabalho ao conter variantes anteriores da covid-19 agora não estão conseguindo conter a delta.

Então há reaberturas que pareciam OK baseadas nas variantes anteriores e no ritmo de vacinação naquele momento, mas agora fica claro que a variante delta é muito mais contagiosa. Talvez precisemos pensar quais políticas serão efetivas contra a delta e fazer as vacinas chegarem a quem precisa.

É [um cenário] muito complexo e faz com que qualquer projeção econômica seja incerta. Se olharmos projeções econômicas do FMI, Banco Mundial, OCDE ou OMC, há riscos significativos à baixa. Com a disseminação da delta, estamos vendo aumentar a probabilidade desses riscos e cenários negativos.

Valor: *Devemos ser pessimistas com a recuperação, frente à delta?*

Koopman: Não podemos relaxar, mas veremos cenários otimistas adiante. Estava vendo dados que sugerem que, fora do Reino Unido, a disseminação do vírus estava diminuindo. Isso é algo para acompanhar. Pode ser um alívio a autoridades de políticas econômicas, mas não sabemos. Há muita incerteza

em como lidar com esse vírus e suas implicações, e é por isso que muitos ministérios da saúde estão muito cautelosos com as diretrizes. A população alemã, por exemplo, está ficando cansada dessas restrições e pressões políticas para reduzi-las surgirão.

Uma questão crítica é a vacina. Tornar a distribuição mais equitativa. Vimos países desenvolvidos iniciar a vacinação de maneira razoável, não perfeita. Temos de fazer com que países com baixo nível de vacinação que subam ao topo [do ranking] do mundo vacinado.

Valor: *E como chegar lá? Negociações sobre quebra de direitos de propriedade intelectual, chave para isso acontecer, avançam?*

Koopman: No curto prazo isso teria pouco impacto. Vou dar um exemplo do porquê disso. Mando a você uma receita de um prato muito complexo. Mando uma lista de ingredientes, e isso é o que a propriedade intelectual te dá. Não te dá a cozinha, não te diz como fazer, misturar todas essas coisas, não te dá os ingredientes, apenas uma lista deles. Há muito mais para produzir vacinas do que apenas a propriedade intelectual, que é essencialmente uma receita.

E as próprias companhias em países em desenvolvimento nos dizem que levará de dois a três anos [para conseguirem fabricar a vacina]. ‘Nos dê a propriedade intelectual, mas teremos de aprender a fazer essa receita e buscar os equipamentos para fabricar os ingredientes. Muitas dessas coisas terão de ser importadas. Depois, teremos de saber como distribuir e estocar’. São, portanto, coisas complexas. Temos visto avanços, mas não é algo que se possa aprender da noite para o dia. Se você quer ser bom em uma receita, tem de praticá-la repetidamente, sendo que em alguns casos é preciso ir à escola de culinária. É isso o que ouvimos de empresas nos países em desenvolvimento que acham que poderiam produzir vacinas. E é bem diferente dos governos dizerem ‘vamos liberar a propriedade intelectual’ e essa produção acontecer de maneira mágica. As próprias empresas dizem que será um desafio.

Temos de solucionar o problema imediato, produzir o máximo de vacinas que podemos no curto prazo. Claro que temos de ter capacidade de produzir essas vacinas globalmente, mas isso levará mais tempo e não resolverá o problema nos próximos meses. Talvez solucione o problema nos próximos dois anos. Enquanto isso, quem sabe como produzi-las, precisa produzir o mais rápido possível e precisamos ser capazes de entregá-las globalmente. Há muito em jogo, e a solução não virá no curto prazo.

Valor: *Se a recuperação global depende do avanço da vacinação e este problema só será resolvido no longo prazo, não veremos recuperação completa tão cedo?*

Koopman: Até o fim do ano as empresas esperam chegar à marca de 12 bilhões de doses. Um ano atrás, a expectativa era de 2 bilhões. Isso é surpreendente! Mas temo que não ajudará a resolver o problema. É preciso achar maneiras para se produzir o máximo possível e distribuir as doses em

todo o mundo. Precisamos de capacidade de produção garantindo que as lacunas sejam preenchidas, eliminar restrições às exportações, remover regulações que precisam ser retiradas, facilitar as cadeias.

Valor: *Podemos ver novas restrições com a variante delta?*

Koopman: Até agora o que temos visto são mais medidas liberalizantes. Governos tomaram medidas restritivas e boa parte delas foi removida. Algumas continuam, mas nas últimas semanas não vi nenhum governo indicando que lançará alguma política para restringir o comércio. Esforços de governos, organizações internacionais e do setor privado ajudaram a restringir tipos de políticas governamentais que podem impedir o comércio de bens necessários para se produzir vacina. Os governos se deram conta de que se tomarem essas ações, podem afetar de forma adversa sua habilidade em ter as vacinas que querem. Estão mais cautelosos em impor restrições.

Valor: *Antes da chegada de Joe Biden à Presidência dos EUA, esperava-se que as tensões entre EUA e China diminuiriam, mas não estamos vendo isso. Quais implicações disso para o comércio?*

Koopman: No governo dos EUA anterior, dado o número de medidas e ações tomadas, essas tensões minaram as relações comerciais EUA-China. No geral, o efeito foi um desvio de comércio, em que companhias basicamente começaram a produzir e exportar de outros países. O novo governo dos EUA não parece ter pressa em remover nenhuma delas. Este governo tem uma visão mais multilateralista do mundo. Mas negociadores na arena comercial não abrem mão de vantagem, e o governo anterior proporcionou ao governo Biden vantagem. O que ouvimos na OMC é que os países estão (negociando) nas bases bilaterais, então acho que precisará de mais negociação para resolver isso.

Enquanto isso, o restante do mundo tenta se adaptar. Temos visto aumento dos fluxos comerciais de outros países para os EUA, que tentam lidar com os desafios que a relação EUA-China impõe.

Em outras regiões onde o governo anterior impôs ou ameaçou impor restrições comerciais, acho que veremos Biden engajado em negociar. Não que não esteja engajado em negociar com a China. É que tem sido mais exitoso em chegar a acordos com outros países, enquanto com a China não parece ter chegado a ponto comum.

Valor: *Na sua opinião, continuaremos a ver um esforço de duplicação das cadeias de valor, especialmente em aliados dos EUA na Ásia?*

Koopman: Sim. O que vimos mesmo antes dessas tensões escalarem é uma saída do fluxo de investimento direto da China para países vizinhos. O custo para se fazer negócio na China estava subindo, e a China viu que seria melhor produzir alguns produtos em outros países e ser mais competitiva globalmente. Isso foi visto particularmente com brinquedos e têxteis, e em paralelo foram mudadas as cadeias de suprimento de itens eletrônicos complexos, como

componentes de automóveis e aeroespaciais. Já havia uma mudança na China, de produção de bens intensiva em mão-de-obra de baixa qualificação para produção intensiva em capital e alta qualificação.

Então vem o governo anterior dos EUA e levanta uma série de incertezas sobre custos crescentes na China e isso acaba encorajando empresas a buscar oportunidades em outros países. Empresas ocidentais começaram a se dar conta que, para evitar riscos políticos, precisam diversificar sua cadeia de suprimento. E o que se vê agora com a covid, e com eventos climáticos como furacões, é que talvez seja preciso mais que só uma produção de baixo custo, mas uma produção de custo relativamente baixo de fontes diversificadas.

O que estamos vendo é uma combinação de incerteza política, mas também reconhecimento das companhias de que talvez tenhamos nos tornando muito dependentes de uma fonte de produção. Muitas firmas estão examinando cadeias de produção e seus diferentes níveis de fornecedores e se dando conta que talvez sejam muito dependentes de um único fornecedor e podem estar sujeitos, por exemplo, a congestionamento de portos. Precisam, portanto, de equilíbrio para reduzir a dependência em relação a uma única companhia específica. E isso é muito natural e consequência de choques de políticas e eventos naturais como covid e clima.

O interessante nisso é que não vemos muitas empresas trazendo de volta suas fábricas para seus países de origem. Até agora se vê mais diversificação. Pode ser que vejamos as companhias tendo parte da produção longe, mas preocupadas em ter parte dela perto.

Valor: *Desde o início do ano o Brasil aumentou as exportações de manufaturados para seus vizinhos. Isso é consequência dessa disruptura das cadeias, com o Brasil ocupando o lugar deixado pela China? Ou tem mais a ver com a covid-19?*

Koopman: Provavelmente é um pouco dos dois. Algumas pessoas falam em desglobalização, eu falo em reglobalização. E isso se refere à reorganização da globalização. Quando olhamos isso e não vemos as empresas trazendo a produção de volta para casa, vemos mais diversificação e provavelmente uma realocação das cadeias para perto.

Ainda iremos ver mais diversificação do comércio global. Acho que a ascensão da China e seu foco em ser fonte de bens manufaturados teve impactos em outros países em desenvolvimento. O México foi afetado porque sob o Nafta tinha uma estratégia de desenvolvimento econômico envolvendo comércio para competir com a China. Mas a China fez melhor ou mais barato.

Mas agora com essa preocupação sobre dependência em um só fornecedor, vemos essa diversificação. Isso oferece oportunidades para Brasil, México, Índia, Bangladesh e outros países asiáticos como Indonésia, Malásia. Isso é resultado das incertezas políticas, do conflito entre China e EUA, mas também desse reconhecimento das companhias de que é preciso maior diversificação das cadeias. E isso oferece oportunidades para países em desenvolvimento.

Valor: *Vivemos um momento em que muitos países se mostram protecionistas e priorizam suas empresas. Organizações como a ICC Brasil defendem a abertura econômica como necessária para o desenvolvimento. Como um país como o Brasil pode continuar perseguindo isso?*

Koopman: Uma das coisas que observo na OMC é que os membros concordam em alguns princípios e isso é ótimo. Mas não é discutido nesses princípios qual o papel do comércio no desenvolvimento. Há uma série de visões entre membros de que o comércio é meio de terem acesso à demanda de países ricos e, portanto, completar o crescimento econômico que não conseguem apenas de forma doméstica, além de ser um modo de aumentar a competitividade e o padrão de vida com a importação de bens e serviços que ajudam empresas locais a serem mais competitivas. Há outras que focam apenas na primeira parte, de que deveríamos ter maior acesso ao mundo rico, mas limitar o acesso do mundo rico e outros países em desenvolvimento a nossos mercados domésticos, para fortalecermos negócios e empresas locais. De um ponto de vista de um economista, acho essas importações criarão concorrência com algumas dessas empresas, mas fortalecerão outras. Mas não há um entendimento ou acordo sobre o papel da abertura para fortalecer a competitividade, e isso é um desafio para os membros da OMC. O Brasil pode ser uma voz desse amplo entendimento do papel do comércio no crescimento e desenvolvimento.

Valor: *O preço de commodities agrícolas está alto e deve aumentar nos próximos anos pela demanda da China e de biocombustíveis. Trata-se de um novo superciclo?*

Koopman: Temos de ter cuidado ao olhar essa alta de preços do curto prazo, pós-covid. Tivemos muitos países e empresas esperando grande queda na demanda. E isso, portanto, reduziu sua produção e oferta. Tivemos uma pequena surpresa com a demanda sendo mais forte do que o esperado. Vemos a demanda se recuperando muito mais rápido, em parte por causa das políticas governamentais, em parte porque grandes estímulos vistos nos EUA e na Europa sustentaram a demanda além do que as empresas estavam esperando. Então as empresas cortaram sua capacidade pensando em uma grande recessão global, que passou rápido. E agora a demanda está lá no alto. Não dá para aumentar a oferta da noite para o dia, isso leva um tempo. Se você começa a parar a produção de computadores ou plástico, antecipa a demanda fraca e começa a enviar sinais para a cadeia de produção de que não encomendará componentes. Se, então, começa a ver uma demanda maior do que o esperado, leva um tempo para que seja novamente hábil para reerguer a produção novamente e retornar a um equilíbrio. Então não pense que a alta que vemos nos preços sugerem um superciclo de longo prazo. Pode ser que seja. Mas eu acho que deveríamos ser cautelosos e pensar que se tratam de desequilíbrios de oferta e demanda de curto prazo.